



UFRPE

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA CURSO DE
LICENCIATURA EM LETRAS

LUANA MAYARA DA SILVA

CARNAVALIZAÇÃO E MATUTISMO NA POESIA DE JESSIER QUIRINO

SERRA TALHADA -PE

2019

LUANA MAYARA DA SILVA

CARNAVALIZAÇÃO E MATUTISMO NA POESIA DE JESSIER QUIRINO

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras –Português/Inglês.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria do Socorro P. Almeida.

SERRA TALHADA-PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

S586c Silva, Luana Mayara da
Carnavalização e matutismo na poesia de Jessier Quirino / Luana
Mayara da Silva. – Serra Talhada, 2019.
42 f.: il.

Orientadora: Maria do Socorro P. Almeida

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em
Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade
Acadêmica de Serra Talhada, 2019.

Inclui referência.

1. Cultura popular. 2. Escritores. 3. Literatura popular. I. Almeida,
Maria do Socorro P., orient. II. Título.

CDD 400



UFRPE

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LUANA MAYARA DA SILVA

CARNAVALIZAÇÃO E MATUTISMO NA POESIA DE JESSIER QUIRINO

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Maria do Socorro P. Almeida – UFRPE/UAST
1^ª Examinadora/Orientadora

Prof^ª. Dr. Jean Paul d'Antony Costa Silva – UFRPE/UAST
2^ª Examinadora

Prof^ª. Dra. Bruna Lopes Fernandes Dugnani – UFRPE/UAST
3^ª Examinadora

Serra Talhada, julho de 2019

Dedico esse trabalho a minha mãe, Luzia Célia da Silva, pelo apoio, criação e palavras de resistência ditas diariamente enquanto lutava por nós e para nós. A toda minha família que me apoiou direto ou indiretamente. Esta conquista é nossa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por não me deixar desistir quando o que eu mais queria era desistir e largar tudo, agradeço por sempre restaurar minha fé e me fazer seguir, me dando força, me dando livramento e me fortalecer até aqui.

A minha mãe que me fez ser uma mulher forte, independente e que luta pelos objetivos, sempre me ajudando nas adversidades da vida, por me mostrar que somos nós por nós mesmo, por ser essa mulher guerreira e batalhadora que me inspira a cada dia, por ser minha parceira, a senhora é minha heroína.

Aos meus familiares de perto e de longe, por estarem sempre presentes na minha vida e na de minha mãe, em especial as minhas avós Socorro e Aldeceli (meu anjinho), e ao meu avô Cícero Felix, o matuto mais importante da minha vida.

A minha madrinha Carminha, meu padrinho Damor, minhas tias Lucia, Lourdinha, Neide, Edna, Lucimar, Socorro e Nena, meus tios, Duval e Ailson (Zinha), e meus primos, Ana Cláudia, Claudinei, e Alessandra, que estavam sempre me incentivando e me ajudando como puderam para a realização desse sonho, saibam que daria minha vida por vocês, agradeço todo dia pela família maravilhosa que tive a sorte de nascer.

Aos meus amigos da vida toda, Gíordana, Iandra, Moíses, Ananias, Walter, Vinícius, Leidjane, Hélder, Gabriel, Leonel e Yan, por toda amizade, paciência e dedicação a nossa amizade, vocês são muito importantes para mim. Não menos importante, aos amigos que a UAST me deu, Danila, Géssica, Gustavo, Vanessa, Sílvia e Marcelo, os levarei por toda a vida, obrigado por estarem comigo até aqui, e mesmo que alguns se separem e peguem rumos diferentes, vocês sempre serão presentes em meu coração, ainda faremos muitos momentos juntos, amo todos vocês.

Agradeço a minha orientadora, Maria do Socorro pela disposição e paciência de sempre, obrigada pelo conhecimento partilhado. Para mim, ter sido sua orientanda foi uma honra. Agradeço também a todos os professores por me impulsionaram a chegar até aqui e continuar seguindo nessa mesma profissão. Agradeço a todos que fazem parte dessa equipe, meu muito obrigada a todos.

Obrigada!

RESUMO

Este trabalho procura estudar a obra de Jessier Quirino no intuito de observar como a perspectiva da carnavalização se revela ao tempo em que busca também investigar como se constitui a imagem do matuto e o cotidiano sertanejo na obra do autor. O matuto sempre foi visto como um ser 'ignorante', não letrado e de características negativas. Jessier nos faz enxergar outra forma de ver esse sujeito como alguém esperto, de sabedoria única, assim como apresenta também o Nordeste, sempre levantando nossa bandeira, em qualquer lugar em que ele vá. Para muitos ele inventou um novo jeito de escrever. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e de análise para atingir o objetivo, dividimos em três partes, na primeira tentamos entender melhor o fenômeno da carnavalização para poder adentrar a obra do poeta. Depois discorreremos brevemente sobre o contexto da poesia popular. Finalmente, analisamos alguns poemas de Jessier, dos quais escolhi entre três obras do autor, *Agruras da lata D'água* (1998), *Prosa Morena* (2005) e *Paisagem do interior* (2006), com o propósito acima descrito. Ao logo do estudo, foi possível perceber que dentro das obras do poeta, ele usa uma linguagem simples, sarcástica e por vezes subvertendo a seriedade dos assuntos abordados. Assim, vemos o quanto é importante estudar a poesia de Jessier, uma vez que além de um estilo peculiar ele tem como principal foco a cultura nordestina, mostrando os hábitos, costumes e natureza física e social do matuto, deixando claro a importância de se estudar um tema por tanto tempo negligenciado, que para nós nordestino é de extrema valia, nos deixamos mais perto do nosso contexto e mostrando a tantas outras qualidades que não são mostradas quando o assunto é Literatura popular.

Palavras-chave: Literatura matuta. Carnavalização. Jessier Quirino

ABSTRACT

This work searches to study the work of Jessier Quirino, in order to observe how the perspective of carnivalization is revealed, while also searching for investigate how is formed the image of Matuto and the Sertanejo daily in the work of the author. The Matuto has always been seen like an ignorant, unlettered and negative characteristics being. Jessier make us to see another way to look this individual like someone smart, singular wisdom, as well as also shows, the Nordeste, always rising our flag to every place he goes. For many He created a new way to write. It treats about a bibliografic research, and to reach the objective we divided it in three parts. In the first, we tried to understand better the carnivalization phenomenon, to be able to enter in the work of the poet. After we discourse briefly about the context of the popular poetry, and the difference between this and the erudite literature. Finally we analyse some poems of Jessier, with the purpose we described above. Throughtout the study was possible notice that inside of works of the poet, he use a sliced, sarcastic language, and sometimes he subverts the seriousness of the subjects addressed. This way we see how is important to study the Jessier poetry, since the habits, behaviors and the physical and social nature of the Matuto.

Keywords: “Matuta” literature. Canivalization. Jessier Quirino

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - CARNAVALIZAÇÃO E LITERATURA	12
1.1 carnavalização	12
1.2 Carnavalização na Literatura	13
2. ASPECTOS CULTURAIS E LITERATURA POPULAR	20
3. JESSIER QUIRINO, VIDA E OBRA	28
3.1 Um Breviário Bibliográfico.....	28
3.2 Estilo e Estética	29
3.3 Matutismo E Carnavalização Em Jessier Quirino	Erro! Indicador não definido.
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o Nordeste, assim como todo o Brasil, vem sofrendo muitas transformações. Com a globalização informatizada muitas coisas se modificaram, assim sendo o caso da migração das pessoas do campo para cidade, especialmente aquelas de classes menos favorecidas que migraram para cidades grandes, em busca de mais oportunidades. O Nordeste formou diversos talentos literários, como Jorge Amado, Rachel de Queiroz, João Cabral de Melo Neto, Augusto dos anjos, Patativa do Assaré, Manuel Bandeira entre outros.

Por muito tempo a mídia passa o matuto como um ser ignorante, que quase sempre não tem estudos e por não ter estudo não tem conhecimento, não sabe muito da vida, não se cuida, personagens na televisão sempre com o dente pintado, as roupas furadas e de uma ingenuidade de dá pena.

Jessier mostra que o Nordeste e o matuto é mais que isso. Por esse motivo, para que se tenha mais conhecimento sobre o Nordeste e o nordestino se faz necessário estudar Literatura Popular, conhecer a cultura popular, fazer com que o matutismo seja conhecido. Historiadores e sociólogos como Câmara Cascudo e Antonio Candido têm papel fundamental nesse meio, são estudiosos e se dedicaram a mostrar a importância de conhecer aspectos culturais de cada povo e lugar. Jessier Quirino se dedica a mostrar a cultura matuta, mesmo sendo letrado, arquiteto, e conhecedor da língua culta, ele prefere escrever as peripécias matutas do dia-a-dia do interior nordestino, como ele mesmo se define “Arquiteto por profissão, poeta por vocação e matuto por convicção”, diz ser um prestador de serviço, ao falar das cenas cotidianas que já viveu e de causos. Ele inventou a “xilolinguagem”, retrata a beleza, sabedoria e a riqueza da cultura nordestina sem perder o lirismo da linguagem nem a simplicidade do povo. Poesia carregada de bom humor, alegria, escracho e muito sarcasmo e ironia, um jeito de subverter as situações tristes, a dor em forma de risada.

Diante dessa perspectiva, falaremos da carnavalização dentro dos poemas do citado autor, como ela está inserida, contaremos com a ajuda das pesquisas do teórico Mikhail Bakhtin, e sua obra *A cultura popular na idade média e no renascimento: O contexto de François Rabelais* (1965). Além de algumas comparações e exemplos dentro da literatura, como obras de Clarice Lispector, Mario de Andrade e Miguel de Cervantes, para tentar nos aprofundarmos mais e entender o que é essa carnavalização dentro da literatura.

Dessa forma, o trabalho foi dividido em três partes, o qual começa discorrendo sobre a Carnavalização. O segundo capítulo fala sobre literatura popular e matutismo, com alguns exemplos e explicações de como as coisas ocorreram para esse termo e os exemplos que

temos dentro da poesia/prosa. Finalmente, o terceiro capítulo é composto de duas partes, em princípio um breviário biográfico de Jessier Quirino, em seguida vemos as obras, estilística e como ele situa o matuto e o cotidiano desse sujeito dentro das obras.

Diante disso, vemos o quanto difícil é trabalhar com essa perspectiva em relação aos estudos acadêmicos, um grande desafio, já que encontramos poucos trabalhos nessa vertente sobre a literatura matuta, e o quanto trabalhar com poesia tem inúmeras interpretações, mas esperamos que esse trabalho abra novas portas e esclarecimentos acerca desse assunto.

1 CARNAVALIZAÇÃO E LITERATURA

1.1 Carnavalização

Na década de 1940, o estudioso russo Mikhail Bakhtin começa a estudar sobre a teoria da carnavalização, definiu o conceito de carnavalização com base nos estudos sobre a Poética de Fiódor Dostoiévski, a partir desses estudos, através dos quais ele já havia estipulado o conceito da carnavalização na literatura, seguiu o estudo dando-lhe o nome de “Problemas na poética de Dostoiévski”, daí em diante, teve problemas na aceitação do seu trabalho o qual era sua tese de doutorado, mas prosseguiu e continuou a estudar sobre o tema. Segundo o artigo “A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin” de Claudiana Soerensen, publicado na revista Travessia (2011p. 319), o nome da sua segunda obra sobre o tema, com base nos estudos sobre a obra de François Rabelais, ficou sendo “A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais”, em virtude de o mesmo ter se voltado ao estudo das obras de François Rabelais, e a teoria da cultura popular no Renascimento.

Partindo do conceito de Carnavalização de Bakhtin, visto e reproduzido por outros teóricos que também estudam esse conceito “carnavalização” buscamos definir o modo de se expressar para a criticar algo, em forma de humor, ironia, sarcasmo e com muita inteligência. Dessa forma, ao ver em algumas obras a representação de aspectos sociais de maneira inversa ao modo de vida tradicional, não seguindo as regras, indo contra a ordem, criando o próprio universo contrário da realidade, Bakhtin vê algo que vai além da rebeldia e do humor ao qual ele dá o nome de carnavalização.

Em sua obra ele coloca que numa época em que o poder absoluto era da Igreja e do Estado, isso implicava que o carnaval fosse uma saída para burlar as regras, uma utopia da realidade, Bakhtin exemplifica isso com a suspensão dessas leis civis, “as leis e as hierarquias” que regem o país, organizando-o, são invertidas e “as distancias firmemente estabelecidas e preservadas pelas convenções são abolidas” (LOPES, 2003, P. 77). Assim, esses aspectos da rebeldia carnavalesca, do mundo às avessas, o estudioso russo vai ligar às peripécias de algumas obras literárias nas quais encontra o fenômeno ao qual ele dá o nome de “carnavalização”. Portanto, o que se representa em determinadas obras, a exemplo dos autores François Rabelais e Dostoiévski, representa, para Bakhtin, um mundo ao contrário do

que existe, usado para burlar todo o sistema que é pregado no mundo “real” justamente para poder deixá-lo ao julgamento do leitor.

Na obra *Cultura popular na idade média e no Renascimento (sétima edição)*, Mikhail Bakhtin começa definindo qual seria seu objetivo, afirma que é compreender a influência da cultura popular cômica da Rabelais e o conceito da palavra “carnavalização” e sua Característica principal, que se encontra na concepção carnavalesca do mundo, utilizando amplamente a linguagem grotesca, sarcástica e irônica, colocada em temas sérios de um jeito cômico, contudo, ele estabelece limites nas múltiplas manifestações da cultura popular.

Ele retrata que ao buscar o impacto da palavra “carnaval”, alguns autores já vinham definindo a palavra carnaval como sendo de origem alemã, e significa “procissão dos deuses mortos”. Na busca etimológica, significa algo como procissão dos deuses destronados, bem como a definição de carnavalização no mundo. O carnaval é um espetáculo, um ritual, que funde ações e gestos e cria uma linguagem concreto-sensorial simbólica. O carnaval, na concepção do autor, é o centro da inversão onde o marginalizado se apropria do centro, o periférico, o excluído se privilegia e derruba as barreiras do hierárquico social, ideológico, de sexo e idade.

No livro “A cultura popular na idade média e no Renascimento”, Bakhtin dividia as múltiplas manifestações da cultura popular em três categorias, que resumidamente são: Os rituais e espetáculos, a festa de carnaval em si na qual aponta uma segunda vida ao povo, as pessoas faziam o que quisessem, sem se preocupar com lei, decreto ou coisas do tipo, o que hoje em dia é nossa festa de carnaval, porém, totalmente adaptada ao nosso tempo.

Essa primeira manifestação ele chama de “A forma dos ritos e espetáculos”. A segunda categoria era as obras cômicas verbais e orais, que se baseavam em tudo, tudo que era elevado eles rebaixavam, como as paródias sacras, as tradições, praticamente tudo que envolvia a igreja ou Estado. A terceira categoria é as diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grotesco, que era instituído uma como nova forma de comunicação, baseado nos gestos e no vocabulário social, abolindo as normas e etiquetas.

Nessa terceira vem o uso de profanações, blasfêmia, juras, imprecções e obscenidade, isso define essa linguagem ambivalente, que é, ao mesmo tempo, humilhante e libertadora. O cômico/irônico ao qual se refere, acontece em algumas obras atuais.

1.2. Carnavalização na Literatura

Podemos notar essas características em obras como *A hora da estrela* de Clarice Lispector, lançada na década de 1970, que tem Macabea como personagem principal da obra. A protagonista é nordestina, criada pela tia e ao ficar sozinha mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou por muitas humilhações. A autora faz o uso do grotesco e cômico para a construção da personagem, a obra evidência as mazelas sociais dos nordestinos, Macabea é humilhada, numa demonstração de miséria e sofrimento tanto pela vida sacrificada, tanto pelos preconceitos que sofria, além de ter que se desdobrar para aprender a fazer as atividades da função que lhe fora dada. Mesmo assim, se percebe a forma poética na estética autoral e uma inversão do herói, uma vez que Macabea vai de encontro a todos os padrões estabelecidos. Ela é uma protagonista feia, pobre, nordestina, semianalfabeta, ingênua, alienada e quase demente. Todos esses aspectos são enfatizados pelo narrador que, com muito prazer e ironia, expressa tais qualidades e mostra criticamente como a sociedade vê pessoas como Macabea.

De acordo com Bakhtin, essas atitudes estéticas do grotesco-cômico no intuito de criticar comportamentos sociais, remetem ao aspecto de carnavalização. Outro aspecto é a perspectiva do herói que, às vezes, se encontra também nesse contexto, inclusive em relação ao amor. Esse aspecto será visto como “carnavalização das paixões”, segundo ele (1981, p. 137) combina o amor com ódio, como nessa passagem de Clarice em que o narrador diz: “Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém. Apaixonado por seus pulmões frágeis, a magricela.” (1998, p. 68).

O trecho é falado depois de uma conversa entre Macabea e o médico, quando ela descobre que estava com tuberculose, e nem ao menos saber se é coisa boa ou ruim, e mesmo com toda calma, a ingenuidade da moça o faz perder a paciência. Como sempre, Clarice, constrói um discurso que mesmo humilhando a personagem, constrói junto com o humor, e conseqüentemente, Rodrigo mostra a mistura de amor e ódio pela moça, logo após mostra um trecho no qual queria que ela falasse para o médico, mas que sendo como ela é, ingênua e sempre humilhada não o faz.

Como apontado nas colocações do Narrador Rodrigo S.M, que é narrador personagem e Clarice o transforma em um escritor fictício para se relacionar com a personagem, e ele ao mesmo tempo em que mostra Macabea de forma patética e como nutria amor por ela, mostra também como ele se torna grosseiro ao falar dela, usando adjetivos cruéis. Vê-se também como queria que ela fosse e coloca alguns trechos de falas que ela nunca falou, ou seja, seria o desejo dele, a idealização dela a respeito dela, então ele deixa que

se veja até colocação de como ele, Rodrigo S.M, quer escrever. Nesse ponto fica bem claro a unicidade da estética e estilo de Lispector. No trecho para anunciar a morte de Macabea o narrador coloca:

Até tu, Brutus?! Sim, foi este o modo como eu quis anunciar que — que Macabéa morreu. Vencera o Príncipe das Trevas. Enfim a coroação. Qual foi a verdade de minha Maca? Basta descobrir a verdade que ela logo já não é mais: passou o momento. Pergunto: o que é? Resposta: não é. (LISPECTOR, 1998, p. 85)

Em meio a toda essa relação de amor, ódio e ironia, a autora coloca em uso na escrita do narrador, a metalinguagem e analogias. Como no começo da obra quando o narrador começa a apresentar e explicar os fatos, ao falar de si mesmo e dos outros personagens, ele deixa escapar o carinho que sente e também o desespero, e fala sobre o uso as “palavras” e como o seu modo de escrever muda, fala: “Apaixonei-me subitamente por fatos sem literatura – fatos são pedras duras e agir está me interessando mais do que pensar, de fatos não há como fugir”. (1998, p. 16)

Mostra-se um tema da carnavalização que se chama “figuração do outro”, onde o papel é ser uma outra pessoa, levando em consideração o narrador que é também um personagem, e como ele queria por muitas vezes que seus personagens queridos fossem outrora mais humanizados, sendo assim outras pessoas que não eles mesmos.

Outra obra que podemos citar é a rapsódia *Macunaíma*, de Mario de Andrade, a própria definição da obra do autor como “rapsódia” já se enquadra em uma das definições de carnavalização de Bahktin, ele define que: “literatura carnavalizada é aquela que direta ou indiretamente, através de diversos elos mediadores, sofreu influência de diferentes modalidades de folclore carnavalesco (antigo ou medieval) ” (BAKHTIN, 2002, p.107). Na obra *A cultura popular na idade média e no renascimento*, o autor coloca em um só lugar múltiplas manifestações da cultura popular. Nesse sentido Mario de Andrade faz uma junção dos elementos da cultura popular do Brasil, insere o folclore com várias linguagens, como europeia, indígena e africanas, Andrade coloca vários aspectos quase no limite do fantástico para definir cenas cotidianas, como se pode ver no fragmento a seguir:

Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas. Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém, a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:— Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanhoso que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifava toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou:

— Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!” (ANDRADE, 2005, p. 22)

Assim, podemos ver a relação de múltiplas culturas como indígenas, europeia e africana, o fato de como transformam-se as aparências e a importância que dão a isso, e o fato como no discurso narrativo insere-se o catolicismo ao referenciar “Judas” em tom jocoso, nos permite perceber aspectos de ironia e crítica ao mesmo tempo engraçado.

Continuando por esse viés, podemos citar a obra, *Dom Quixote de la mancha*, de Miguel de Cervantes, sendo herói e anti-herói, tendo os valores sociais subvertidos, a obra utiliza-se do riso para afirmar ou negar as características do personagem, o texto é inserido no âmbito do risível mesmo perto da morte do personagem, transformando o tempo todo fantasia em realidade, vemos o descontrole mental de Dom quixote convence Sancho Pança a ser seu escudeiro e transformar cenas do cotidiano em suas aventuras, como travar batalhas com os moinhos de ventos, no trecho abaixo retirado da obra se pode perceber tais aspectos:

— Quais gigantes? — Disse Sancho Pança. — Aqueles que ali vês — respondeu o amo — de braços tão compridos, que alguns os têm de quase duas léguas. — Olhe bem Vossa Mercê — disse o escudeiro — que aquilo não são gigantes, são moinhos de vento; e os que parecem braços não são senão as velas, que tocadas do vento fazem trabalhar as mós. (CERVANTES, 2005, P. 24)

Segundo Ferreira Gullar, na nota colocada no início do livro (4ª edição por ele traduzida), entende-se que Dom quixote enlouqueceu depois de muita leitura das novelas de cavalaria, o que o fez se confundir entre ficção e realidade. Fazendo com que o humor do livro fosse em relação a essas confusões que ele arma, a ponto de arriscar a vida sem perceber o perigo. Contudo, Bakhtin contextualiza esse tipo de humor, afirmando que:

Uma qualidade importante do riso na festa popular é que escarnece dos próprios burladores. O povo não se exclui do mundo em evolução. Também ele se sente incompleto; também ele renasce e renova com a morte. Essa é uma das diferenças essenciais que separam o riso festivo popular do riso puramente satírico da época moderna. O autor satírico que apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destruiu a integridade do aspecto cômico do mundo, e então o risível (negativo) torna-se um fenômeno particular. Ao contrário, o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem (BAKHTIN, 1987, p. 10-11)

Como posto por Cervantes, Dom Quixote tem o intuito de desmistificar as novelas de cavalarias, que segundo ele, aborrece alguns, e são enaltecidas por outros. É uma paródia essencialmente humorística, escrita para o riso popular, mostrando o cotidiano do personagem em sua forma mais cômica ao contrário de se empregar apenas o humor negativo. E de acordo com Minois (2013, p. 16), o riso é um “fenômeno universal, ele pode variar muito de uma sociedade para outra, no tempo e no espaço”, o humor colocado na obra de Cervantes é feito justamente para distorcer as novelas de cavalarias antigas.

Sendo assim, segundo o Dicionário de termos literários (2009, p. 29), carnaval constitui um conjunto de manifestações da cultura popular e um princípio da compreensão de mundo, e quando transportado para literatura, chama-se “carnavalização da literatura”. Do mesmo modo, na carnavalização na literatura, vamos compreender como isso se dá na obra de Jessier Quirino, objeto de estudo nesta pesquisa, que é impossível não notar o que muitos chamam de uma nova maneira de fazer poesia, e principalmente essa conotação de humor presente da carnavalização literária da poesia dele, numa linguagem ao mesmo engraçada e grotesca com a presença de neologismos que dá um tom diferenciado à obra do autor. No livro “Prosa Morena” (2001, p. 27) no poema *Comício de beco estreito*, por exemplo, pode-se observar esses aspectos:

Pra se fazer um comício
Em tempo de eleição
Não carece de ardeai
Nem dinheiro muito não
Basta um F-4000
Ou qualquer mei caminhão
Entalado em beco estreito
E um bandeirado má feito
Cruzando em dez posição.

Um locutor tabacudo
De converseiro comprido
Uns alto-falante rouco
Que espalhe o alarido
Microfone com flanela
Ou vermelha ou amarela
Conforme a cor do partido.

Uma gambiarra véa
Banguela no acender
Quatro faixa de bramante
Escrito qualquer dizer
Dois pistom e um taró
Pode até ficar melhor
Uma torcida pra torcer

Aí é subir pra riba
Meia dúzia de corruto

Quatro babão, cinco puta
 Uns oito capanga bruto
 E acunhar na promessa
 E a pisadinha é essa:
 Três promessa por minuto.

Anunciar a chegada
 Do corruto ganhador
 Pedir o "V" da vitória
 Dos dedo dos eleitor
 E mandar que os vira-lata
 Do bojo da passeata
 Traga o home no andor.

Protegendo o monossílabo
 De dedada e beliscão
 A cavalo na cacunda
 Chega o dono da eleição
 Faz boca de fechecler
 E nesse qué-ré-qué-qué
 Vez por outra um foguetão.

Com voz de vento encanado
 Com os viva dos babão
 É só dizer que é mentira
 Sua fama de ladrão
 Falar dos roubo dos home
 E tá ganha a eleição.

E terminada a campanha
 Faturada a votação
 Foda-se povo, pistom
 Foda-se caminhão
 Promessa, meta e programa...
 É só mergulhar na Brahma
 E curtir a posição.

Sendo um cabra despachudo
 De politiquice quente
 Batedorzão de carteira
 Vigaristão competente
 É só mandar pros otário
 A foto num calendário
 Bem família, bem decente:

Ele, um diabo sério, honrado
 Ela, uma diaba influente
 Bem vestido e bem posado
 Até parecendo gente
 Carregando a tiracolo
 Sem pose, sem protocolo
 Um diabozinho inocente".

Trata-se de uma descrição de um comício no interior, pormenorizada como ele mesmo diz, ao declamar a poesia em seu álbum de mesmo nome do livro. E um exemplo da presença da carnavalização, o matuto não deixa de ser cômico, caricato, de ter sua simplicidade exaltada, porém é mostrada uma cena do dia-a-dia, mostrando o seu saber, sem

ser ingênuo, podemos ver a esperteza do matuto colocada à prova, colocando em jogo uma crítica social, a forma como o matuto percebe toda a pilantragem, assim falando de um comício, onde os políticos passavam a perna no povo, com promessas vazias. Ele faz a crítica de forma leve, ao utilizar o cômico, usa a sátira para melhor se expressar, com sarcasmo, inteligência.

Um dos exemplos mais importantes de carnavalização no contexto brasileiro atual são as utilizações das redes sociais, como o facebook e o twitter, é a forma prática do brasileiro de se expressar, de se manifestar, indignação, ódio, irritação, crítica. Para participar do processo político, que é a defesa dos interesses de determinados grupos, justamente porque os interesses são diferentes, pensamentos diversos, e se organizam em cima disso.

E contrariando essa descrição, a própria elite econômica atual que carnaliza o povo, fazendo o inverso do inverso, se colocando no lugar do povo, para se tirar proveito disso. Um artigo intitulado, “A Liquidez Discursiva do século XXI: A carnavalização dos memes” (2017, p. 11) de Rossana Furtado, traz essa discussão acerca da utilização dos memes para esse fim de criticar a política, futebol entre outros temas, por meios das redes sociais. É interessante ver como essas regras sociais desde a época do Renascimento, são empregadas até os dias atuais no meio midiático.

Contudo, voltando ao foco da carnavalização da literatura de Jessier Quirino. Essa carnavalização presente em muitos dos seus poemas é perceptível com a marca de oralidade e neologismos, carregada de ironia para descrever situações cotidianas vivenciadas pelo matuto, com base nas identidades preexistentes no Nordeste que são destacadas em suas obras, assim como muitos autores dessa mesma temática também o fazem.

2 ASPECTOS CULTURAIS E LITERATURA POPULAR

Segundo Vitor Manuel Aguiar e Silva (2004, p.116-118), literatura popular é feita para o povo, ou criada pelo próprio povo afim de passar as mais diversas cenas do imaginário para gerações futuras, de tradição em tradição, passar à frente a cultura de um povo, seja ela em cantigas, ditados populares, lendas folclóricas, repentistas e etc. oposta a literatura erudita. O autor afirma que “aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na particularidade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico”. Sendo feito através da forma oral, sejam ela através de rimas, ditados, prosa ou poesia, ou através da escrita, como por exemplo a literatura de cordel, uma das literaturas mais conhecidas. Todos esses aspectos se enquadram na poesia de Quirino com um toque de personalidade que lhe confere um estilo próprio e peculiar.

Para se falar de literatura popular e principalmente a literatura matuta, damos espaço a oralidade. A literatura popular se fortaleceu bastante em meados do século XVIII para o século XIX. Um dos grandes estudiosos e escritores sobre a cultura popular brasileira, é Luís da Câmara Cascudo, especialista do folclore, superstições e literatura oral no Brasil. Tendo um importante papel nessa área, fortalecendo com diversas obras como, *Antologia do folclore brasileiro* (1943) e *Geografia dos mitos brasileiros* (1947). Segundo Maria Lindamir de Aguiar Barros, em “A literatura popular para além da modernidade”, ele é um dos mais importantes folcloristas brasileiros.

Contudo, não dá para negar o quanto a literatura popular ainda é negligenciada hoje em dia, sabemos que muito se passou longe da grade escolar, atualmente os horizontes foram abrindo e apesar de ser pouco pedida nos manuais escolares, já tem uma demanda nas políticas públicas escolares. Entretanto, essa cultura é mais considerada na região do Nordeste, principalmente por ser mais difundida por esse povo, não desconsiderando os artistas de outras regiões como Sul e Sudeste e suas lendas e tradições.

A literatura de cordel, por exemplo, é principal veículo escrito da literatura popular. Teve origem em Portugal, com os trovadores, e depois com o surgimento dos avanços tecnológicos, puderam ter seus poemas impressos, em Portugal eram exibidos pendurados em cordas, por isso o nome. Foi popularizada no século XVIII, com os repentistas, parecidos com os trovadores de Portugal, depois vindo a colocar seus poemas impressos.

As principais características são poemas com métrica fixa, rimas, buscando a musicalidade, linguagem coloquial, uso do humor, e com ilustrações chamadas de Xilogravuras. Bem como, oralmente, as formas mais conhecidas são os poemas cantados, dos repentistas (violeiros), que conseqüentemente muitos também foram passados para escrita, porém, a maioria tentando manter a forma coloquial da cultura oral, porque por muitas vezes se o poema não for declamado perde muito em significado e expressividade. Como é o caso do poeta Patativa do Assaré, pseudônimo de Antônio Gonçalves da Silva, seus poemas eram passados para o papel tal qual é falado por ele. Como vemos no trecho de *Linguagem dos óio* (1978):

Quem repara o corpo humano
E com cuidado nalisa,
Vê que o Autô Soberano
Lhe deu tudo o que precisa,
Os orgo que a gente tem
Tudo serve munto bem,
Mas ninguém pode negá
Que o Auto da Criação
Fez com maior perfeição
Os orgo visioná.

Os óio além de chorá,
É quem vê a nossa estrada
Mode o corpo se livrá
De queda e barruada
E além de chorá e de vê
Prumode nos defendê,
Tem mais um grande mistér
De admirave vantage,
Na sua muda language
Diz quando qué ou não qué.

Os óios consigo tem
Incomparave segredo,
Tem o oiá querendo bem
E o oiá sentindo medo,
A pessoa apaixonada
Não precisa dizê nada,
Não precisa utilizá
A língua que tem na bôca,
O oiá de uma caboca
Diz quando qué namorá.

Munta comunicação
Os óio veve fazendo
Por izempro, oiá pidão
Dá siná que tá querendo
Tudo apresenta na vista,
Comparo com o truquista
Trabaiando bem ativo
Dexando o povo enganado,

Os óios pissui dois lado,
Positivo e negativo.

Mesmo sem nada falá,
Mesmo assim calado e mudo,
Os orgo visioná
Sabe dá siná de tudo,
Quando fica namorado
Pela moça despresado
Não precisa conversá,
Logo ele tá entendendo
Os óios dela dizendo,
Viva lá que eu vivo cá.

Os óios conversa munto
Nele um grande livro inziste
Todo repreto de assunto,
Por izempro o oiá triste
Com certeza tá contando
Que seu dono tá passando
Um sofrimento sem fim,
E o oiá desconfiado
Diz que o seu dono é curpado
Fez alguma coisa ruim.

Os óis duma pessoa
Pode bem sê comparado
Com as água da lagoa
Quando o vento tá parado,
Mas porém no mesmo instante
Pode ficá revertante
Querendo desafiá,
Infuricido e valente;
Neste dois malandro a gente
Nunca pode confiá.

Oiá puro, manso e terno,
Protetó e cheio de brio
É o doce oiá materno
Pedindo para o seu fio
Saúde e felicidade
Este oiá de piedade
De perdão e de ternura
Diz que preza, que ama e estima
É os óio que se aproxima
Dos óio da Virge Pura.

Nem mesmo os grande oculista,
Os dotô que munta estuda,
Os mais maió cientista,
Conhece a lingua muda
Dos orgo visioná
E os mais ruim de decifrá
De todos que eu tô falando,
É quando o oiá é zanoio,
Ninguém sabe cada óio
Pra onde tá reparando.

A contribuição de Patativa para a literatura matuta é muito importante, declarado semianalfabeto, declamava seus poemas para outras pessoas, falava de diversos temas e neles, sempre colocava exatamente da forma como falava. Silva (2004 p.116), a respeito dessa literatura oral fala que “aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na particularidade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico”, em seu livro *Teoria da literatura*.

É importante observar que Patativa não é só cordelista, ele escreve também em outras formas de poema, isso quer dizer que é um poeta popular que escreve literatura matuta, mas que não se encaixa no termo cordelista, uma vez que não fazia só livrinhos de cordel, pois escrevia também sonetos e outras formas.

No caso de Jessier Quirino, ele escreve também a literatura popular ou matuta, mas não é considerado cordelista. Um aspecto que precisa ser enfatizado sobre o autor é que ele não é um poeta popular, mas um poeta que escreve ao modo popular. Isso porque ele é um arquiteto, ou seja, tem curso superior, mas é um “matuto por convicção”, como é mesmo afirma, esse amor pela arte popular e seu talento extraordinário o coloca no patamar de um dos autores mais lidos no âmbito da literatura popular atual.

Jessier escreve poemas com várias formas e métricas e também escreve causos e compõe músicas. Faz shows e pode-se dizer que é um mestre na oralidade, pois além de escrever ele também declama e dramatiza, até certo ponto, os seus textos. Também usa de um linguajar diferenciado, carregado de neologismos e mostra de modo muito engraçado, ao mesmo tempo grotesco, a sabedoria do matuto bem como os usos e costumes no dia-a-dia do povo nordestino. Esses aspectos podem ser observados no poema “Paisagens do interior”, que está no livro de mesmo nome.

Existe muitas comparações entre a literatura popular e erudita, assim sendo, entramos na questão do urbano e rural, para poder entender a literatura matuta. É certo que a sociedade é dicotômica, com o advento da globalização as pessoas foram migrando dos campos para as cidades, deixando alguns costumes e hábitos para traz e trazendo outros para a cidade, com isso as cidades de tornaram urbanas e rurais. Nesse sentido, vemos a divisão de valores, os chamados ricos letrados, que possuem “cultura acadêmica” seriam o da zona urbana e os iletrados, pobres, matutos os da zona rural. E mais do que um discurso político, há toda uma questão de humanidade.

Desse modo, falar sobre cultura ainda é algo complexo. Para a sociologia, a primeira definição que surgiu seria que cultura é todo os costumes, tradições e conhecimentos sobre

arte, moral e lei de um homem para com a sociedade. Mas vemos que a cultura em si, é particular de cada povo, dos seus costumes, hábitos e língua. No entanto, com a junção de pessoas de culturas diferentes em espaços públicos há uma mistura, a cultura cresce aos poucos e quando vemos já faz parte de um todo. Ainda assim não dá para apenas defini-la de um jeito, é uma das palavras mais complexas da língua inglesa, e defini-la acabaria por limitar sua importância. Os adjetivos que se apegavam a ela eram “moral” e “intelectual”, e só depois de muito tempo eles foram desligados para se falar de cultura.

Como fala Terry Eagleton em “A ideia de cultura”, antes a palavra era material, e com o tempo as problematizações tornaram-se espiritual, algo muito mais complexo que apenas o que definem como moral e intelectual, quando ele coloca: “A palavra, assim, mapeia em seu desdobramento semântico a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação dos porcos a Picasso, do lavrar o solo à divisão do átomo”. (EAGLETON, 2005, p. 10)

Vemos, dessa forma, que uma certa contradição no conceito de cultura, porque não existe um que a abarque por completo. Eagleton mostra essas mudanças ao longo do tempo e observa que não podemos falar de cultura, mas de culturas e que o termo em princípio vem a partir dos aspectos naturais *culto*, cultivado, e depois vai assumindo outras vertentes, até porque, um olhar mais contemporâneo nos leva a observar que há princípios culturais impostos como os que são passados através das mídias e dos meios de comunicação em geral.

Nesse sentido, a mudança não é apenas semântica, vai muito além da definição da palavra, o sujeito culto é alguém da área urbana, que tem um intelecto considerado mais “elevado”, que busca o lazer com essa cultura e o “sem cultura”, área rural, que justamente cuida das terras, dos animais do seu sustento, acaba por não lhe sobrar tempo ou interesse algum para essa outra cultura.

Levando isso para os dias atuais, podemos ver uma significativa mudança na “tentativa” de trazer esses lazeres culturais para o povo mais humilde, contudo, ainda assim, não se vê muitos pobres irem assistir uma peça de teatro, uma ópera, ir a um cinema, que muitos nem tem acesso em sua cidade. Isso porque, é uma cultura produzida e vendida ou porque há uma elitização que separa cultura de cultura. Com a arte popular não ocorre isso, porque ela é produzida de modo espontâneo e sem o objetivo principal de venda como um produto, por isso ela é acessível a qualquer indivíduo além de encantar pela forma, pela rima, pela linguagem e justamente por mistura o contexto político, social, histórico com argumentos engraçados e carregados de ironia e crítica, daí o aspecto carnavalesco.

Estamos falando aqui de uma desconstrução, cultura já é a própria modificação dela mesma, mostrando claramente a importância para história, entrando em foco várias questões morais e filosóficas importantes. Embora não conseguimos deixar de lado tudo que qualificamos como “popular” referente a musica, comida, tradições, nos ensinam a ter um modo de vida mais “culto” com gostos refinados, ser civilizado, andar bem vestido, ser de tal religião, ter aquele sotaque que é melhor do que o outro. Tudo isso faz com que essa cultura popular surja como uma outra cultura, e fazendo com que a Cultura seja heterogênea o que, até certo ponto é natural e saldável se não existisse o preconceito em relação ao popular, ou seja, ao que vem do povo.

Dessa forma, no matuto vemos a construção sociológica em cima do termo “matuto”, sabendo que analizaremos, essa construção na poética de Jessier Quirino. Podemos destacar o jogo de poder em classes sociais, onde se tem o discurso do dominante em cima do dominado, que nesse caso, seria a classe urbana dando nome pejorativo a classe rural. Jessier busca mostrar a condição de vivência do matuto como sua sapiência para conseguir viver em um mundo em que ele é o excluído.

Portanto, para lembrar do termo *matuto*, Magalhães (1970), diz que surge dois tipos sociais, “Matuto e sertanejo”, na obra *O nordeste Brasileiro*, para ele, o matuto surge no Nordeste, e esse Nordeste ele divide em “litoral e sertão”, litoral com suas praias, solo fértil, homens malhados, altos, e o sertão das caatingas, com clima quente, natureza e tecnologias sem avanços rápidos como ocorre na urbe. O sertão onde homens são heróis e resistem a tudo que passam. Ao analisarmos a obra de Jessier, vamos comentar mais sobre a obra de Magalhães e essa construção do matuto dentro os poemas.

Portanto, vemos que muito preconceito ainda assola os meios da Literatura popular, pouco se fala sobre isso, em comparação a cultura erudita. Mas os mesmos instrumentos que são utilizados para se fazer uma poesia no gabinete é usado para fazer a poesia pelo povo, as mesmas inspirações, técnicas, e muitas vezes com grau de escolaridade diferente. A literatura matuta, o cordel surgiram como formas de manifestações do povo, para o povo.

Sendo assim, a gente pode citar a poesia do poeta Paraibano Zé da Luz, conhecido por todos por sua grandeza lírica, e a forma como repassa para seus poemas sem as regras gramaticais, (não por não sabe-las, e sim por opção por retratar o mais próximo o eu lírico da linguagem coloquial do matuto), em seus poemas ele coloca isso de várias formas como podemos ver nos fragmentos a seguir de poemas diferentes:

Eu inté, mi atrapaiava,
Sem sabe das três irmã
Qui eu vi im Puxinanã
Quá éra a qui mi agradava.

Em Cunfissão de Cabôclo:

Dispôs oiando prá carta
Tive pena, pode crê,
De não tê prendido a lê
Nas letra ali, iscrivida,
O qui dizia Maria
Prô marvado traidô.

Em O Sertão Em Carne E Osso:

Purisso eu quero, seu môço,
Levá o sinhô mais eu,
Prá le amostrá o sertão,
O sertão em carne e osso,
Tá-li-quá cumo naceu!

Por conseguinte, vemos a colocação linguística, estilística e poética do autor, mas claramente vemos a real intenção do poeta de enaltecer e mostrar aspectos peculiares do sertão quando olhamos o trecho acima “O sertão em carne e osso” que dá título ao livro. Todavia, a intenção de trazer Zé da luz aqui é para falarmos da utilização da literatura oral na escrita, que geralmente se dá aos chamados “repentes” que são improvisações, sejam sozinhos ou em dupla, geralmente cantadores, que com um assunto aleatório, fazem a improvisação de versos, o que chega perto da poesia escrita de Zé da luz.

Precipalmente, a principal característica é informar de forma a divertir o leitor que o escuta, contando causos contidianos, ou reproduzindo muitas lendas do seu povo. Vê-se muito na literatura oral e escrita assuntos regeionais sejam sobre Lampião, feira de caruaru, até tematicas abertas, como traições, mulheres, qualquer assunto eles abordam, sejam em forma de cordel, em outras formas de poemas ou cantadas de improviso. Outros poetas além dos ja citados são Patativa do Assaré, Leandro Gomes de Barros, João ferreira de Lima, entre outros.

Dessa forma, vemos que Jessier Quirino se encaixa naquilo que chamamos de poesia matuta, ele trabalha com formas variadas de poesia e também com a prosa, mas seu universo é o sertão e o matutismo, descreve primorosamente os espaços e os costumes sertanejos e mistra um certo orgulho por pertencer ao universo sertanejo. É um poeta de cultura letrada que usa as características da arte popular para expressar seu lugar de memória e de vivência e também

valorizar a vida matuta. Nos próximos tópicos entraremos no universo quiriniano para conhecê-lo melhor, tanto biograficamente quanto o seu fazer poético.

3 JESSIER QUIRINO, VIDA E OBRA

3.1 Um breviário Biográfico

Jessier Quirino é poeta, músico, compositor, escritor, declamador, arquiteto. Entre tantas coisas, ele mesmo se descreve como “Arquiteto por profissão, poeta por vocação e matuto por convicção”. Também considerado como humorista, diz que gosta de falar sobre o matuto com humor, alegria, e de forma diferente da qual geralmente a mídia mostra o matuto. Na infância, sempre foi um menino tímido, vivia se escondendo de tudo, e relata que a poesia o deixou mais à vontade, porém, ainda hoje é reservado e discreto, não tem desavença com ninguém, só bem querer.

Segundo o site do arquiteto, ele nasceu em Campina Grande na Paraíba em 1954, passando por Recife e fixando residência em uma cidade também paraibana, chamada Itabaiana. Filho de Maria Pompeia de Araújo Melo e Antônio Quirino de Melo. Artista de muitas facetas é formado em Arquitetura pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente exerce a profissão apenas quando sobra um tempo da vida corrida da qual optou por levar, fazendo apresentações de suas poesias, declamando e contando causos em palcos de todo o Brasil.

Assim como já mencionado no final do capítulo anterior, Jessier não apenas escreve poesias, como também prosa, cordéis e gravou CD's. Se apresenta junto dos dois filhos músicos, em universidades, programas de rádio e TV, teatros e etc, contando histórias da vida cotidiana, regadas por humor e dos mais variados temas. Chama a atenção do público justamente por isso, mostra ter a memória muito boa, e mostra a forma como nos é apresentada a cultura nordestina do matuto, que para ele não é mais um sujeito ignorante, mal amanhado e bruto. Jessier, já fez livros infantis como “O chapéu mau e o lobinho vermelho”, cordel como “Virgulino Lampião: Deputado Federal”, sobre o folclore brasileiro com “Política de pé de muro: O comitê do povão” e diversos livros de poesia que vem com CDs com elas declamadas, como “Prosa Morena”, “Bandeira Nordestina” e “Paisagens do Interior” entre outros.

No site do autor, ele fala que apesar de tímido, sempre gostou de declamar e com isso sempre formava pequenas plateias, como “vendedor de casca de pau”, segundo ele, antes da poesia, nasceu a arte de declamar e com isso, ele foi se soltando mais, o tempo foi passando e a plateia aumentando, até chegar nos dias de hoje e ter um “público numeroso feito político

ladrão”. Para suas criações diz observar ao redor, o universo popular, antes declamava de outros poetas e escritores, sempre colocando muita expressividade e humor, um jeito próprio de se expressar, se inspira muito nos poetas Zé da luz e Zé Limeira. Depois nasceu suas próprias criações, e nasceu o poeta.

O poeta fala da sua relação com o palco, e diz gostar mais das apresentações em teatro e em sala de aula, diz haver mais magnetismos e mais respeito, e gosta menos de apresentações em praças públicas e principalmente em bares, pois são lugares que desconcentram, alguns vão vê-lo e acabam se surpreendendo por não acharem que dele saíra algo matuto. Suas obras são bem recebidas pelo público. Depois do primeiro livro “Paisagens do interior”, vem sempre fazendo apresentações em tudo que é lugar no Brasil, tendo muito ascensão na literatura popular. Foi tema de vestibular duas vezes, no UNIPÊ da Paraíba e na Universidade Católica de Pernambuco, assim como livros infantis adotados pelo programa de Educação para Jovens e Adultos do MEC no Estado de Pernambuco.

A obra de Jessier retrata a vida do nordestino com humor e lirismo e ao mesmo tempo com sarcasmo, com temáticas das mais variadas, retratando o matuto com preocupação e carinho. Sendo assim, seu trabalho vem sendo muito estudado no meio acadêmico, sua poesia, rima, métrica e o seu jeito de construir o matuto dentro dessas poesias.

3.2 Estilo e Estética

Jessier, apelidado também por “domador de palavras”, tem chamado muita atenção da crítica, do público, dos estudiosos da literatura popular, no caso, literatura matuta, por sua forma de se expressar nos palcos, sua forma de construir um novo jeito de se referir ao matuto, por seu leque de possibilidades de histórias e jeitos de conta-las, com humor, neologismos, musicas, piadas, sarcasmos, métrica, rima e improvisação.

Jessier declama sozinho, apenas com a ajuda dos músicos que lhe acompanham, diferentes dos repentistas que se apresentam em duplas. E sempre sem fugir do lirismo poéticos e literário. O poeta sempre vem mostrando o lado do matuto que poucos faziam, mostrando a sabedoria, os valores e costumes do matuto, falando de vestimentas trejeitos e linguagem, fato a se destacar para poesia oral. No poema “Taqui-pa-tu!” do livro Posa Morena.

COMÉQUIÉ???

Me levar prum hospitá?

Tu pensa que’u sou jangada que come filé de vento?

Eu tomo sopa de gogóia que passa até pensamento!

Tu pensa que' u sou governo, que quer por fina força
 Desexistir o existido?
 Sou mansador de burro brabo pode vir impriquitado
 Lá dos Estados Zunido.
 Doença é doença!
 Não carece de hospítá
 Existe folha de chá que dá em dez comprimido
 Se vier pra me matar, me considere morrido!
 E pra que tanta assimzesa besteirenta duma figa
 Por ta, no vivo da gente, um lombrigar de barriga?

Eu ando é a frente feito bengalaa de cego!
 Sou matuto de verdade
 Eu faço é apuramento
 Dessa minha qualidade de fé e saúde rica
 Sou feixo de galalau
 Eu sou tora de pau que pica-pau não pica!

Eu tenho hálito de terra!
 Tenho bafo de fazenda misturado a jerimun!
 Quando eu digo TRÊS VEZES SETE? O eco diz: é vinte e um!

Ta pensando que' u sou frouxo ou mendigo de justiça?
 Sou dilúvio de bufete num sargento de puliça!

Eu sou filho é do sertão, bruto e despenteado
 Viçoso que nem canteiro de coentro bem aguado
 O meu beijo é bandoleiro
 Sou casado com Filé
 Agora repare bem:

Querem que' u saia do mato, pra me enfiar num lenço
 Som ode os doutôr dizer que eu já tou bem mais melhor!
 Só pra trocar umas bimbada
 Por essa tomografia e por cima dotorizada?
 TAQUI-PA-TU Ó!!!!

Cascudo (2006. p. 27), afirma que “a literatura oral é poderosa e vasta, alcança os lugares mais distantes e diferenciados do globo, entrelaçando a humanidade com histórias, costumes, crenças e manifestações artísticas que não seriam possíveis de numerar”. Nesse sentido, vemos o quanto Jessier é capaz de transformar e inserir os costumes de um povo na sua poesia. Na obra do autor, ele relata sobre um matuto que não quer ir ao médico, que não ver essa necessidade, pois já sabe o que o médico falará e que o mesmo se considera bem, que foi apenas um “passamento”, que seria um mal está, o poeta escrever assim como declama, faz a oralidade presente no texto, já começa com “COMÉQUIÉ? Me levar prum hospítá”, exatamente como é na variação linguística do Nordeste, em que as pessoas acabam por juntar

as palavras para se tornar uma só ao ser pronunciada, “como é que é”, “para”, e o modo de falar “Hospital”.

Passa o poema se reafirmando como matuto, cabra macho, bruto e de muita saúde. Diferente dos inúmeros meios que colocam o matuto apenas como alguém que fala errado e que tem dentre podre. Jessier relata o matuto como alguém forte, inteligente, faz comparações sarcásticas com os políticos, “Tu pensa que’u sou governo, que quer por fina força desexistir o existido? ”, e com alguns neologismos presentes em suas poesias, como “desexistir”, ou como fala em seu poema *Coisas pra se dizer benzó-Deus* (2001, p. 31), no trecho “Sá-zefinha ser mãe de tantos filhos, bem dizer sendo uma zefinharia”, referindo-se a “zefinharia”, como se sá-zefinha fosse uma fábrica de fazer meninos.

Sempre com um poder grande observação e memorização, para passar tudo que viu e viveu em sua vida, de modo que passa esse modo do sujeito nordestino, mesmo sabendo que nem sempre se dá para passar como é na forma oral para a escrita, e ainda assim fazer isso com maestria, a criação da identidade matuta, diferente do que muitos que não são e nem conhecem o “matuto”, estão acostumados.

É importante lembramos também do termo xilolinguagem. Que segundo Gilberto Braga (2006) foi inventado na obra de Jessier Quirino. Essa nova linguagem é exatamente o que Jessier faz nas suas obras, uma literatura tratada para abordar os assuntos da comunidade nordestina, o cotidiano e os problemas, e tratando desses problemas de forma simples, sempre exaltando a riqueza cultural do povo nordestino, o que diferencia é a linguagem, é como ele usa a palavra e a quantidade e qualidade de neologismos além da fidelidade da fala do matuto e da vivência dele, daí o termo que significa retratar fielmente o conteúdo de forma caricaturada, exagerada, é o que o autor faz na poesia.

Como disse o poeta Alberto da Cunha Melo “[...] Jessier Quirino, desde seu primeiro livro, vem fazendo uma espécie de etnografia poética dos valores, hábitos, utensílios e linguagem do agreste e do sertão Nordestino”. A obras desse grande poeta além de terem um grande valor estético, futuramente também servirão de fonte de estudo como documentos e tescunho, depois que o mundo estiver tomado pela tecnologia, afirma o ensaísta e poeta Alberto da Cunha Melo.

3.3 Matutismo e Carnavalização em Jessier Quirino

Para falamos sobre a construção dessa identidade matuta dentro da poética de Jessier, precisamos lembrar o que forma o matuto, ao falar disso lembramos de toda a geografia do

Nordeste, como é o clima, o social, as diferenças entre os matutos de cada região, o matuto Paraibano que Quirino retrata é formado a partir do habitat dele. O próprio poeta relata como foi sua infância, como era seu cotidiano. As cidades pelas quais já passou e o que já viu quando passou por elas, sua convivência com os sertanejos, coisas que passaram a fazer parte do seu imaginário, e como ele inseriu isso nas suas obras.

O Nordeste, tendo o espaço rural mudado, expandido, junto com a modernização da sociedade, passa por mudanças, como exemplo o uso dos telefones celulares, ainda assim, tem muitos lugares da zona rural que não pega área, onde a cobertura dessas redes moveis nem chegam ainda, e antigamente só se comunicavam por cartas. Jessier coloca tudo isso em poesia, prosa, assim como as vitórias, as resistências de um povo sofrido, marcado pela indisciplina climática, que a natureza ora machuca, ora traz alegria, poesias como “Agruras da lata D’água”, “Paisagens do interior”, “umbuzeiro sagrado”, nos mostram um pouco como é esse universo do matuto, o sofrimento e resistência no trecho “[...] me obrigaram a levar água, muitas vezes penduradas, muitas vezes num jumento, era aquele sofrimento, as juntas enferrujadas. [...] E tome água e leve água” (1998, p. 45). Ele dá voz a própria Lata D’água, o poema é a própria lata falando de sua vida, comparamos com o sofrimento do cotidiano nordestino, cena clara, para quem já viveu períodos da seca, ao se pegar água em latas de água na cabeça, algumas improvisadas ou reusadas, ou seja, latas que eram compradas com outros produtos e ao esvaziar passava a ser usada para carregar água em carroças de bois, jumentos o próprio homem ou mulher carregava em galões, artefatos feito com uma pau de mais ou menos um metro e meio e uma lata pendurada de cada lado, também tem uma forma muito usual principalmente pelas mulheres que é a lata na cabeça.

É importante dizer que mesmo com tanta tecnologia e tantas mudanças, essa ainda é uma realidade para muitos sertanejos e caririzeiros que não possuem água encanada ou em lugares em que a água passa dias e dias sem chegar nas torneiras.

Em *Paisagens do interior*, são descritas várias cenas aleatórias, que sempre se vê no interior do Nordeste, de certo, ao menos algumas dessas cenas todos que moram ou já moraram pelo interior já viram, como “Matuto no mêi da pista, menino chorando nu, rolo de fumo e beiju, colchão de palha listrado, um par de bebo agarrado, preto véio rezador, jumento, jipe e trator, lençol voando e estendido, isso é cagado e cuspidado, paisagem do interior”, cenas interioranas.

Vemos que apesar de se tratar de cenas que realmente não são raras no interior do Nordeste, a forma como é dito pelo poeta mostra um tom que se mistifica entre o engraçado e o grotesco e que o poeta, apesar de deixar o texto engraçado também faz uma crítica ao modo

de vida de pessoas que ainda hoje vivem em situações que parecem representar um outro mundo.

Já o poema “Umbuzeiro sagrado” do livro *Bandeira Nordestina*, é um espetáculo, descrevendo uma planta típica do Nordeste, que ajudou e ajuda muitos sertanejos, e é considerada sagrada, assim como o xiquexique. É como se o velho umbuzeiro, na seca, os abençoa, pois, a raiz está sempre cheia de água, como o próprio jessier diz ao declamar esse poema, ele canta que a raiz do umbuzeiro é uma “butija no chão” para estar sempre guardando água quando os sertanejos precisam

A raiz do umbuzeiro é, bem dizer, uma nuvem amojada de inverno.
E em se tratando de água, feito butija no chão,
É Meu baú de guardados
Por isso me curvo meio anzolado
E peço a benção ao Umbuzeiro Sagrado
A benção, meu Umbuzeiro Sagrado.

E sempre que houve um freio no carro da invernada haverá uma raiz de cisterna acudindo a matutada
O fruto do Umbuzeiro é verde amelanciado
Maduro é bolha amarela
De azedo açucarado
Na boca do sertanejo é bejo de estimação
E passado em urupema, no leite, açúcar e cozido é o grosso da umbuzada
Por isso, sua benção, por tanta força emprestada.

Sendo assim, vemos que além da importância de mostrar a cultura desse espaço interiorano, que muitas vezes não é mostrado, vemos também a sabedoria do povo nordestino, a capacidade de adaptação aos lugares e as mudanças de climáticas, mostrando a sabedoria do matuto, seu modo de resistir as mudanças. Vemos isso em obras como *O grande sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, que tem sua linguagem também no regionalismo, o autor faz muito uso de neologismos, e descreve cenas típicas do sertanejo, o sertão em seu estado físico, considerada umas das principais obras da literatura brasileira. Candido (1975), falou:

A roça, as águas, os matos e campos encerravam-se numa continuidade geográfica, delimitando esse complexo de atividades solidárias – tal forma, que as atividades do grupo e o meio em que elas se inseriam formavam por sua vez uma continuidade geossocial, um interajuste ecológico, onde cultura e natureza apareciam, a bem dizer, como dois pólos de uma só realidade (CANDIDO, 1975, p. 173).

Assim como as questões físicas do espaço rural nordestino, é esse contexto que forma o matuto, onde ele estar inserido, e o que faz com nesse espaço, tudo se torne um só pacote. Podemos lembrar também do grande Ariano Suassuna, com sua obra “O alto da compadecida”, do qual Ariano inspirado na cultura popular, introduziu alguns causos, na

obra, como a adaptação do cordel “Dinheiro: O enterro do cachorro” de Leandro de Gomes de Barros, entre outros. A fartura de conhecimento e sabedoria que vão passando cada escritor da cultura popular para os leitores. Jessier resgata essa identidade matuta, que é construída através do social, entre essa relação do homem com a natureza.

Ainda convém lembrar, que o poeta também escreve outras temáticas, como já foi falado dos cordéis, dos livros infantis, e como insere diversas temáticas nas poesias, como o matutismo, junto com ele a religião, o clima, a natureza física e humana do sertão, mulheres, chifres, políticos. Todos esses temas o poeta adiciona seu jeito de ser nas escritas, com muito neologismo, sarcasmos, humor.

Adicionando o cômico com seu jeito de ver a vida, com tons jocosos, ainda assim não perdendo o lirismo em sua linguagem, Jessier forma uma poesia com elementos carnavalizantes, como citei no primeiro capítulo ao falar da carnavalização na literatura. A maioria das poesias de Jessier que aqui veremos, vem com a transposição do espírito carnavalesco para dentro dos versos, o poeta faz muito o uso do dialogismo, por exemplo, e com um vocabulário extraído da vivência do sertanejo um vocabular de “matutice”, e dos pequenos casos, cria todo um cenário.

No poema “Sabatina feita com um matuto presidente de banco feira” utiliza de uma cena pequena, para criar um grande diálogo de um senador com um matuto, invertendo os papéis. Para Jessier, a política já é, por si só, uma piada ele aproveita alguns aspectos, usando a crítica como munição para lidar com essas situações corriqueiras, e mostrando o lado cômico através do tom jocoso e sarcástico com o senador.

SABATINA FEITA COM UM MATUTO PRESIDENTE DE BANCO DE FEIRA

Senador – Senhor Pedim de Mané Lingüiça, sendo um presidente de banco de feira, como o sr. vê a situação econômica do Brasil, hoje?

Matuto – Ahh!... O Brasil tá se acabando ligerim feito sabão em mão de lavadeira.

Senador – Ao seu ver, qual a causa desta situação de crise em que o país se encontra?

Matuto – Falta de medida meu cumpade! Cada qual só devia estirar a perna até onde lhe chega o lençol.

Senador – Mas o governo promete ajustes para resolver o problema da crise, não promete?

Matuto – É... Só que ovelha prometida não diminui rebanho, né?

Senador – E quanto aos novos rumos que o governo está tomando, qual a sua opinião?

Matuto – Pra quem tá perdido, todo mato é caminho.

Senador – Na sua opinião, o que o governo deve fazer para sair da crise?

Matuto – Deve deixar de mel que é estruição de farinha.

Senador – O que o sr. acha do problema dos rombos, no poder público?

Matuto – O problema tá na cerca: cerca ruim é que ensina o boi ser ladrão.

Senador – Agora vamos falar de Nordeste. Como é verdadeiramente o quadro da seca no Nordeste?

Matuto – Olhe: De bicho de cabelo, só quem escapa é escova, de bicho de fôlego, só quem escapa é fole, e animal de quatro pé, só escapa tamborete.

Senador – O sr. não acha que o governo tem realmente vontade de resolver este problema da seca ?

Matuto – O que mais se perde neste mundo é vontade e cuspe, home!

Senador – E os açudes que os governos já construíram?

Matuto – Açude de papel e cuia emborcada não ajunta água não, cumpade véi!

Senador – E quanto aos políticos que já deram a palavra, que vão resolver esta situação caótica do Nordeste, o sr. também não acredita?

Matuto – Olhe cumpade: sol de inverno, chuva de verão, choro de mulher e palavra de ladrão... esse aqui não fia não.

Senador – Mas o sr. não acha que a atual situação econômica, está afetando pobres e ricos e o próprio governo?

Matuto – Tá nada, home!.. O pau entorta no cu do rico e do governo, mas só se quebra no do pobre.

Senador – Como é que o pobre esta sobrevivendo nesta crise?

Matuto – Gato com fome come até farofa de alfinete.

Senador – Como o sr. vê a justiça no Brasil?

Matuto – Da justiça pobre só conhece os castigo.

Senador – Como o Sr. está vivendo agora?

Matuto – Nasci nu, tou vestido; pra morrer pelado não custo.

Senador – O que o Sr. acha da classe política brasileira?

Matuto – Olhe cumpade véi, tem um magote ali dentro tão bom de roubo que, se vendesse cavalo, achava um jeito de ficar com o galope.

Senador – E quanto aos prefeitos e vereadores?

Matuto – Ahhh! meu fi... Esses aí tão ensinando rato a subir de costa em garrafa.

Senador – E quanto à oposição?

Matuto – Humm?

Senador – A oposição!...O sr. acredita nos partidos de oposição?

Matuto – Hummmm!

Senador – O senhor acha que são realmente o que dizem? Íntegros, retos, austeros?

Matuto – Hum-hum!

Senador – O sr. é sempre assim, de poucas palavras?

Matuto – Palavra de homem é um tiro. Falar sem cuidar é atirar sem apontar.

Senador – Como homem do povo, que recado o sr. tem para os governantes?

Matuto – Meu recado é uma verdade: a gente nunca se esquece de quem se esquece da gente

(QUIRINO, 2001, P. 79)

Vemos que há todo um contexto de vida e de aspectos sociais e políticos que são trocados nas posições assumidas pelos personagens. Uma das maiores formas de criticar uma pessoa é colocando ela na situação oposta, tirá-la da chamada ‘zona de conforto’ e é isso que o poeta faz, ele revira o mundo às avessas, troca os valores e as posições, os aspectos de carnavalização fica evidente no poema acima.

Falar sobre política sempre é algo tenso, porém o autor transforma o dialogo trocando a ordem entre o matuto e o senador, Jessier carnaliza essa relação de inserir o matuto dentro do risível, Construindo uma reflexão dentro do texto com questões das quais ele mesmo, no caso o matuto, responde, situações não comuns, como essa do poema, assim, com a descrição dessa cena ele consegue formular o cômico, e para o matuto lidar com o riso nessa situação, é uma forma de denunciar as péssimas condições que a política brasileira nos coloca, lidando com humor, ironia e sarcasmo.

Para Minois (2003, p. 16), “é isso que faz sua riqueza e fascinação ou, às vezes, seu caráter inquietante” de ser o próprio riso. Está ali no lugar de um “politico” é como a inversão do seu modo de vida, sendo assim é a própria recriação através da literatura, da carnalização, como sugere Bakhtin.

Para Bakhtin (1993), obscenidades, ambivalentes, contestar o religioso fazendo parodias, ou invertendo histórias bíblicas já é uma linguagem carnalizada, Jessier dá voz a esse lado cômico em relação a religião, vemos:

TIRA O QUINCA

[...] Aí o bom Deus inventou a cerveja
 Pras cambaleanças festivas da vida...
 Passou um pitu na pitu proibida
 Porque tanto álcool conserva a serpente
 Botou uma placa *beber civilmente*
 Eva, guerramente, a placa tirou
 Todo paraíso dispranaviou
 E Eva, Evando a bestice de Adão
 Puxou o lesado promei do salão
 Aí foi aí que o parzinho dançou
 Adão foi ficando mei borocoxó
 Quando escutou: - *Os dois, tira o quinca!!!!*
Casal pecador nessa festa não brinca!
 Segundo o primeiro testamentador.

(QUIRINO, 1998, P. 104)

A carnalização nos poemas de Quirino, se dá não apenas pelo cômico, sarcástico e irônica, como também nas muitas inversões de valores em alguns causos contatos, mas também nas próprias falas do matuto, e no grotesco da obscenidade. É interessante o fato de ele chamar a atenção de beber civilmente o que costumamos chamar de beber socialmente se tudo é bebida. Do mesmo modo ele parodia o Primeiro testamento da bíblia. Busca trazer para seus textos muito das expressões do interior, resgatar o falar dos matutos, e valorizar a variação linguísticas utilizadas por eles, seguindo um ritmo e mostrando seu caráter oral-vocabular.

O próprio homem matuto já rir dele mesmo, descreve suas histórias, conta seu sofrimento através do humor, de alegrias, de um universo que ele materializa nos poemas para denunciar situações vividas por esse matuto, sendo assim a própria carnavalização na literatura, transpondo esse espírito carnavalesco para arte.

No poema *Qualquer coisa a ver com roçado*, no livro *Agruras da lata D'água* (1998), mostra um matuto que caracteriza diversas cenas de seu espaço físico, que defende sua cultura, suas tradições, assim como as coisas ao seu redor, os animais, a alimentação, como o vaqueiro é astuto, e suas características mais fiéis, o texto fala:

Matuto caririzeiro
 Um feijãozinho mulatinho
 Peixeira cortando vento
 Trinado de passarinho
 Um quixó pegando um tejo
 Água descendo o brejo
 Rolinha fazendo ninho
 [...]. Matuto cortando lenha
 Desinteirando o inteiro
 Vaqueiro astuto, tinhoso
 Pegando o gado no pelo
 Com cheiro doce de bosta
 Cheiro de nó pelas costa
 Fala pelos cotovelos.

O cômico tem por característica está sempre ligado ao feio, ao trágico e ao riso, e com isso Bergson (1983) diz que só a comicidade para fatos humanos, fora disso na natureza no todo, não é cômica. E exatamente o que Jessier faz, é atentar para o lado humano do matuto e utilizar tanto o humor como a dor para tornar o poema risível. O poeta usa esse lado cômico do matuto, de rir dele mesmo, através da linguagem e sua vida, para fazer revelar a carnavalização.

É interessante mostrar um dos poemas, do qual, é recriado um mundo fantástico, que nos mostra um matuto satirizado, que inicia seu negócio e chama-se Gamela, por produzir gamelas, e ao prosperar acaba mudando o nome para Escudella, que em alguns lugares significa a mesma coisa que gamela. Escudella viaja para vários lugares do mundo, mas é na África que acaba por se complicar.

...Acudia por Gamela
 O cumpade Ribamar
 Pois fabricava gamelas
 Com seu melhor fabricar.
 Gamela é dessas tigela
 Que também chamam escudela
 Dependendo do lugar.

Foi seca batendo palma
 Na porta do milharal
 E o cumpade de arranco
 Fugindo pra capital
 Deixando um quintal rachado
 Com lençóis enferrujados

Rangendo pelo varal.

Capital sem capital
 Já sabe como é que é...
 Foi preso, levou supapo
 Com bicho, filho e mulher
 Latiu pra poupar cachorro
 Cacarejou pelo morro
 Pra não gastar garnisé.

Mas no trato com as tigelas
 O cumpade foi primeiro
 O seu nome de Gamela
 Percorreu país inteiro
 Quem bem trabalha não sofre
 Abriu torneira do cofre
 Danou-se a juntar dinheiro

Mode um tal de marketingue
 Vindo lá dos estrangeiro
 Negou a alcunha Gamela
 De visgo pobre e brejeiro
 Passou a ser *Escudella*
 Botando dois “eles” nela
 Pra ficar desbrasileiro.

Com o nome de Escudella
 Globalizou o globão
 Fabricou tutanudo
 Vendeu até pro japão

Vendeu gamela na Ásia
 Vendeu pro carai-de-asa
 Pra ditador e sultão

Mas foi num Reino Africano
 Que o cumpade se estrepou
 A mulher dum maioral
 Dessas mulher de segunda-
 feira Feio de corpo e de cara
 Muito mais taba que bunda
 Mandou chamar Escudella,
 Pra fazer-lhe uma gamela
 Bem trabalhada e profunda.

Chega o matuto na corte
 Se apresenta sem demora:
 -Diga que é o ESCUDELLA!
 Que chegou aqui e agora!
 Do jeito que apresentou-se
 Bem dizer suicidou-se
 O matuto caipora.

Da foiçada do mordomo
 Virou finado na hora
 Que, apontando Escudella,
 -Sua Alteza, este baixinho
 Disse todo engraçadinho
 Ser o EX-CU da senhora.

(2001, p. 63)

O matuto acaba por se complicar por causa do próprio nome que se deu, ao se apresentar quando chegou ao reino. O cômico é interessante, que ao mesmo tempo em que se mostra os causos do matuto, nos mostra ele mesmo inserido dentro do riso. E também notamos como acontece a quebra de valores, ao mostrar o matuto crescendo financeiramente, com a inversão do seu modo de vida, apesar que a criação de gamelas é um costume nordestino.

De acordo com Bakhtin (1993, p. 241) o carnaval “fornece um meio de entrar temporariamente num universo utópico”, onde o matuto, apesar do final quase trágico, conseguiu chegar em outro universo. Outro recurso que podemos destacar no poema, do qual também faz parte da linguagem carnavalizada, é o uso de imagens do baixo material e corporal obscenidades ambivalentes, que o poeta utiliza para criar o lado cômico, como:

[...] Bem dizer suicidou-se
 O matuto caipora.
 Disse todo engraçadinho
 Ser o EX-CU da senhora.
 (2002, p. 65)

Boa parte da obra de Jessier se encontra a carnavalização e dá-se pelo uso dessas imagens de baixo corporal e obscenidade, que são utilizadas para capturar realmente a fala do matuto, fala do dia a dia. Os elementos que compõe a estética da carnavalização dentro das obras de Jessier é a própria recriação do matuto real. O próprio matuto descreve cenas do seu cotidiano com humor, sarcasmo e ironia, sátira, paródia. Logo, a carnavalização nesse contexto, tem como função denunciar a situação do matuto, ao passo em que mostra sua sabedoria e conhecimento do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de globalização do mundo atual, vê-se a mudança de hábitos, costumes, cultura, onde o povo vai transformando seus modos, suas vestimentas e principalmente sua língua, assim notamos que a linguagem está em constante mudança. Porque acaba por acompanhar essa mesma cultura, tradições, a tecnologia.

Apesar de muitos acreditarem que o Nordeste é limitado a seca, roça, rapadura, fazendo a imagem apenas de uma parte do sertão e do cariri, se esquece toda uma boa parte do Nordeste como o Litoral, o Brejo e a Zona da Mata. Além disso, é quase sempre, omitido que a região Nordeste é composta por nove Estados, mas é lembrado apenas por Pernambuco, Paraíba e Bahia.

No meio midiático fazem-se a imagem de um povo sofrido, com linguajar reprimido e fala arrastada, um povo pobre e sem escolaridade, dando ênfase mais ao caipira que ao matuto, que é interessante lembrar que são duas coisas distintas. Mostrar a imagem criada pela mídia, não é mostrar a realidade sobre o matuto, começando pela forma como lidam com a identidade nordestina. Mostra-se em novelas, filmes e programas uma realidade da minoria hoje em dia, não vendo que o matuto é tradição, mas tem sim Tv a cabo, água filtrada, saneamento básico e etc. Na mídia somos vistos como pessoas “ignorantes”, de linguagem errada. Por isso tudo, vemos que a Literatura Nordestina sempre vem tentando exaltar nossos costumes, nossa cultura e nossa linguagem, assim como fez Ariano Suassuna, Patativa do Assaré, Jorge Amado, Leandro Gomes de Barros, Zé da Luz e como vem fazendo Jessier Quirino, que como vimos, nos traz uma representação diferente das midiáticas, da qual o matuto é mostrado como realmente é, um ser com sua própria identidade cultural, seus costumes e tradições. Fazendo isso de forma cômica, quase sempre e acima de tudo mostra um matuto que usa especialmente da inteligência para sobreviver as adversidades.

Jessier nos mostrar a realidade nordestina por seus olhos, mostrando tudo que viveu morando no Nordeste e convivendo com esse meio. Ele mostra em suas poesias uma imagem fotográfica do interior, colocada no papel, com muita leveza e ousadia, se utilizando de neologismos e palavras arcaicas que talvez, se não fosse pelo matuto, a gente nem falaria mais. O autor procura sempre deixar viva a tradição, para ele o matuto pode ser até alguém da cidade, um sertanejo, o que importa é guardar os valores e costumes, não deixando morrer as tradições, mostrando o caráter e a lida diária no espaço em que vive, desmistificando o estereótipo que a mídia criou para com o matuto.

Mesmo com tantas limitações que esse sujeito enfrenta, diante das dificuldades da vida, do social, Jessier faz se revelar a carnavalização dentro da obra, ao mostrar que o próprio matuto explora o lado cômico dessa dor, dificuldade e todos os diversos acontecimentos do dia a dia. O autor faz uso de uma linguagem escrachada, sarcástica e irônica, fazendo que seu mote seja a criação de um matuto que compensa essas dificuldades com humor e alegria, seguindo suas tradições sem deixar de conviver com as novidades da modernidade, o poeta procura sempre explorar a linguagem regionalista em suas declamações, onde se faz “matuto por convicção” e não deixa essa cultura morrer.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Júnior, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma; o herói sem nenhum caráter**. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª edição. São Paulo. Global. 2006.
- CERVANTES, Miguel. **Dom Quixote de la mancha**. Tradução Ferreira Gullar. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005.
- DUARTE, João Ferreira, **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/carnavalizacao/>. Acesso em 28 de maio de 2019.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 23a. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995
- LOPES, Edward. **Discurso literário e dialogismo em Bakhtin**. In: BARROS, Diana Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin** São Paulo: EDUSP, 2003, p. 63-81.
- LUYTEN, Joseph M, **O que é literatura de cordel**, São Paulo: Brasílieu,2005.
- MARINHO, Fernando. **"Literatura de cordel"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-cordel.htm>. Acesso em 18 de junho de 2019.
- QUIRINO, Jessier. **Agruras da lata D'água**. Recife: Bagaço, 1998.
- QUIRINO, Jessier. **Prosa morena**. Recife: Bagaço, 2005.
- QUIRINO, Jessier. **Paisagem do Interior**. Recife: Bagaço, 2006.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8ª Ed. São Paulo: Almedina. 2004.